

# **A AUTORREGULAÇÃO COMO PARTE DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DA MONITORIA DE MORFOLOGIA**

**Priscylla Pirasol de Carvalho Marchioni**<sup>1</sup>

**Taise Simioni**<sup>2</sup>

## **Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo investigar como a monitoria pode incentivar autorregulação em processos de ensino-aprendizagem dos alunos, através de um estudo de caso realizado na monitoria do componente curricular Morfologia, ofertado em 2017/1 no Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé/RS. Sobre a autorregulação, trata-se de um processo no qual o aluno se coloca como responsável de sua aprendizagem, exercendo controle e reconhecimento de suas dúvidas e dificuldades, buscando as formas mais apropriadas para saná-las, e, para isso, é necessário que o aluno esteja consciente de seus propósitos e estratégias. Segundo Lopes da Silva et al. (2004), o processo de autorregulação pode ser dividido em quatro fases, sendo elas: antecipação e definição de objetos; planejamento estratégico; monitoração; e autorreflexão e autorreação. Segundo Frison e Moraes (2010), autorregular as aprendizagens consiste num processo que envolve autonomia, iniciativa, planejamento, organização, características inerentes à vivência da monitoria que, por si só, exige de quem dela participa um mínimo de responsabilização pelo próprio processo de aprendizagem. Para tal investigação, foi realizado um estudo de caso com uma aluna voluntária matriculada no componente curricular Morfologia em 2017/1. Segundo Yin (2005), o estudo de caso pode ser tratado como metodologia para a pesquisa em ciências humanas, favorecendo uma visão abrangente sobre os acontecimentos da vida real, destacando seu caráter de investigação empírica de fenômenos sociais contemporâneos. Os encontros da monitoria com a participante aconteciam semanalmente ou sempre que ela procurasse a monitora, individualmente. Foram realizados cerca de onze atendimentos com a aluna voluntária, de no mínimo 30 minutos e no máximo 1 hora e 30 minutos de duração cada, gravados por um gravador de áudio através de um smartphone. A partir dos áudios gravados, foi possível perceber momentos em que a participante regulava sua aprendizagem, além de relacionar alguns desses momentos com as fases citadas por Lopes da Silva et al. (2004). No trecho "Depois daquele dia eu fui estudar isso em casa sozinha e não entendia mais nada, achei muito confuso"; ela demonstra definição dos objetos e planejamento estratégico; já no trecho "Eu prefiro que tu faça no quadro pra eu poder visualizar melhor. Eu aprendo muito com o visual. Se eu não enxergar, na minha cabeça, eu não entendo nada. [...] Escrevendo também, eu aprendo escrevendo", a aluna demonstra monitoração de sua aprendizagem e, por fim, no trecho "É isso, então? Acho que tô começando a entender agora", ela demonstra autorreflexão e autorreação sobre seu processo de aprendizagem. Após a

análise dos áudios, foi possível concluir que, neste estudo de caso, a participante utilizou a monitoria como um espaço de autorregulação da sua aprendizagem, consciente de suas dúvidas, expectativas, estratégias e limitações. Portanto, pode-se esperar que, a partir do presente estudo, se possa repensar práticas e estratégias que incentivem os alunos a autorregular seus processos de aprendizagem, o que o torna mais responsável e autônomo de sua própria aprendizagem, tornando esta, talvez, mais significativa para o aluno.

**Palavras-chave:** Autorregulação;Monitoria;Morfologia

**Modalidade de Participação:** Iniciação Científica

## **A AUTORREGULAÇÃO COMO PARTE DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DA MONITORIA DE MORFOLOGIA**

<sup>1</sup> Aluno de graduação. [prpimarchioni@gmail.com](mailto:prpimarchioni@gmail.com). Autor principal

<sup>2</sup> Docente. [taise.simioni@gmail.com](mailto:taise.simioni@gmail.com). Orientador



## **A AUTORREGULAÇÃO COMO PARTE DO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM A PARTIR DA MONITORIA DE MORFOLOGIA**

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem por objetivo verificar como a monitoria pode incentivar e possibilitar a autorregulação em processos de ensino-aprendizagem dos alunos, através de um estudo de caso realizado na monitoria do componente curricular Morfologia, ofertado em 2017/1 no Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé/RS. Este componente curricular tem entre seus objetivos levar os alunos a identificarem e categorizarem os morfemas da língua portuguesa e refletirem sobre o processo de formação das palavras, visando à descrição e ao funcionamento de aspectos referentes à morfologia do Português Brasileiro.

A respeito da monitoria disponível ao componente curricular Morfologia, trata-se de um projeto de monitoria de “Morfologia” e “Estudos de Fonética e Fonologia” que, desde 2012, recebe bolsas do Programa de Desenvolvimento Acadêmico (PDA). Este programa, conforme EDITAL Nº 375/2016, tem como alguns de seus objetivos: “qualificar práticas acadêmicas vinculadas aos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, por meio de experiências que fortaleçam a articulação entre teoria e prática; promover a iniciação à docência, à extensão, à pesquisa e às práticas acadêmicas integradas; e aprimorar as condições de estudo e de permanência dos estudantes de graduação da UNIPAMPA.”

No contexto escolar, a monitoria tem sido definida como um processo pelo qual colegas auxiliam colegas na situação de ensino-aprendizagem, portanto o monitor torna-se o contato entre alunos e professores, utilizando-se da sua própria experiência dentro da universidade para auxiliar uma melhor compreensão do conteúdo, o que é de fundamental importância para a descoberta da vocação docente. Segundo Carvalho et al. (2010), a monitoria é uma atividade que tem por finalidade despertar o interesse pela carreira docente, prestar auxílio a professores e colegas para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das atividades técnico-didáticas, bem como contribuir para a manutenção de um relacionamento pedagógico produtivo entre o corpo discente e docente.

Segundo Lopes da Silva et al. (2004, p. 60) “a autorregulação na aprendizagem refere-se ao grau em que os alunos atuam, a nível metacognitivo, motivacional e comportamental sobre seus próprios processos e produtos de aprendizagem na realização das tarefas escolares”. E, para isso, as autoras afirmam que o processo de autorregulação pode ser dividido em quatro fases, sendo elas: 1) antecipação e definição de objetos – que necessitará de conhecimentos anteriormente adquiridos e relacionados à tarefa a ser desenvolvida e estratégias cognitivas e metacognitivas já estabelecidas e adequadas a esta tarefa; 2) planejamento estratégico – na qual o aluno irá elaborar suas estratégias e métodos de estudo, recolhendo informações necessárias, compreendendo as exigências da tarefa e estabelecendo um passo-a-passo; 3) monitoração – nesta fase, o aluno irá colocar em prática suas estratégias elaboradas, consciente deste processo; 4) autorreflexão e autorreação – momento em que o aluno irá gerar suas próprias percepções sobre ele mesmo, sobre a tarefa e sobre as estratégias (metacognição), sobre suas expectativas em relação à eficácia de suas estratégias (motivação), e

sobre sua gestão de tempo e persistência (volição). Portanto, trata-se de um processo no qual o aluno se coloca como responsável de sua própria aprendizagem, exercendo controle e reconhecimento de suas dúvidas e dificuldades, buscando as formas mais apropriadas para saná-las, e, para isso, é necessário que o aluno esteja consciente de seus propósitos e estratégias.

De acordo com Frison e Moraes (2010), autorregular as aprendizagens consiste num processo que envolve autonomia, iniciativa, planejamento, organização, características inerentes à vivência da monitoria que, por si só, exige de quem dela participa um mínimo de responsabilização pelo próprio processo de aprendizagem: “Não há como aderir à monitoria sem que se tome para si os motivos e meios que levam ao aprender; é por essa razão que a monitoria apresenta em seu cerne um princípio autorregulatório” (FRISON; MORAES, 2010, p. 148). A partir disso, talvez seja seguro afirmar que, ao tomar a decisão de procurar, voluntariamente, atendimento da monitoria, o aluno já esteja, consciente ou inconscientemente, autorregulando sua aprendizagem a partir das ferramentas disponíveis, praticando a autonomia e responsabilidade ao conduzir seu próprio projeto de aprendizagem, e é isto o que este trabalho visa investigar nas práticas da monitoria.

## **2. METODOLOGIA**

Com a intenção de verificar se tais processos de autorregulação estão realmente presentes na monitoria e, caso estejam presentes, como são manifestados, percebidos e estimulados, foi realizado um estudo de caso com uma aluna voluntária matriculada no componente curricular Morfologia em 2017/1. Para isso, foram convidadas duas alunas que já haviam demonstrado interesse em comparecer aos atendimentos da monitoria e ser voluntárias, mas apenas uma participou dos atendimentos até o final do semestre. Sendo assim, a aluna voluntária assinou um termo de consentimento para que os áudios dos atendimentos pudessem ser gravados ao longo do semestre, podendo desistir de ser voluntária a qualquer momento em que desejasse. Além disso, o termo de consentimento assinado garantia total sigilo da imagem e identidade da mesma.

Os encontros da monitoria aconteciam em sala e horários fixos, sem a necessidade de agendamento prévio com a monitora, porém, para que fosse possível gravar os áudios do atendimento e, também, para que a participante se sentisse mais à vontade para expor seus questionamentos, os encontros da monitoria a serem gravados foram realizados em horários diferentes e de forma individual. Os encontros das monitorias com a aluna voluntária aconteciam semanalmente ou sempre que ela achasse necessário e procurasse a monitora, podendo ocorrer em mais ou menos de uma vez por semana. Ao longo do semestre, foram realizados cerca de onze atendimentos com a aluna voluntária, de no mínimo 30 minutos e no máximo 1 hora e 30 minutos de duração cada, gravados por um gravador de áudio através de um *smartphone*.

Segundo Yin (2005), o estudo de caso pode ser tratado como importante estratégia metodológica para a pesquisa em ciências humanas, pois permite ao investigador um aprofundamento em relação ao fenômeno estudado, revelando aspectos difíceis de serem enxergados a olho nu. Além disso, o estudo de caso favorece uma visão abrangente sobre os acontecimentos da vida real, destacando seu caráter de investigação empírica de fenômenos sociais contemporâneos.

Ainda segundo o autor, um estudo de caso completo pode ser identificado por pelo menos três características: quanto aos limites – distinção entre o fenômeno

estudado e seu contexto definido; quanto à coleção de evidências – demonstrar que o pesquisador se empenhou em coletar as evidências de forma convincente; e quanto ao tempo e aos recursos necessários – exige do investigador uma boa previsão na fase do *design*, ou seja, prever o tempo e os recursos necessários para a coleta das evidências. A partir disso, é possível perceber que, para este trabalho, esses três critérios foram cuidadosamente pensados para que a coleta de dados fosse válida e eficaz, de acordo com o contexto no qual ela acontece, no caso, na monitoria do componente curricular.

### 3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

A partir dos áudios gravados, foi possível perceber momentos em que a participante claramente regulava sua aprendizagem, além de relacionar alguns desses momentos com as fases citadas por Lopes da Silva et al. (2004) na seção anterior, lembrando que essas fases não acontecem, necessariamente, em uma ordem cronológica.

A definição dos objetos e planejamento estratégico fica evidente quando a aluna decide buscar na monitoria um espaço para tirar suas dúvidas, apresentando dúvidas previamente reconhecidas por ela. Isso pode ser verificado nos seguintes trechos retirados dos áudios:

- i) **Excerto nº1:** *“Nessa aula eu não tava entendendo nada, isso aí não tava fazendo sentido para mim”;*  
**Excerto nº2:** *“Depois daquele dia eu fui estudar isso em casa sozinha e não entendia mais nada, achei muito confuso”;*  
**Excerto nº3:** *“Ah, então é por isso que eu não tava entendendo! Eu perdi essa parte”;*  
**Excerto nº4:** *“Eu não entendi o que ela quer dizer com isso [...] O que ela tá pedindo nessa questão?”.*

Ou seja, a participante precisou reconhecer suas dúvidas e níveis de dificuldade, o que demonstra consciência de seu objetivo de aprendizagem e estratégia para alcançá-lo.

Já no que diz respeito à monitoração, é possível percebê-la em trechos como:

- ii) **Excerto nº5:** *“Eu vou revisar isso em casa sozinha e semana que vem nós revemos essa parte, tá?”.*  
**Excerto nº6:** *“Tu pode repetir? Não tô entendendo”*  
**Excerto nº7:** *“Eu prefiro que tu faça no quadro pra eu poder visualizar melhor. Eu aprendo muito com o visual. Se eu não enxergar, na minha cabeça, eu não entendo nada. [...] Escrevendo também, eu aprendo escrevendo”.*

Nesses trechos, é possível perceber que a participante já reconheceu certa autonomia do seu processo de aprendizagem, estabelecendo próximos encontros para a monitoria, explicitando como ela aprende melhor para a monitoria, demonstrando controle de sua atenção e do ambiente da aprendizagem.

Quanto à autorreflexão e autorregulação, algumas falas da participante explicitam momentos em que expectativas e concepções da própria aprendizagem são reconhecidas, assim como revelam a gestão do seu tempo e persistência:

- iii) **Excerto nº8:** *“Ah, eu tava crente que eu tinha acertado essa questão, que coisa, viu [...] Eu achei que tinha entendido, mas não. Vamo lá de novo”;*  
**Excerto nº9:** *“É isso, então? Acho que tô começando a entender agora”;*  
**Excerto nº10:** *“Ai, senhor! Não tava difícil, não. Foi só falta de atenção minha”;*  
**Excerto nº11:** *“Só mais esse exercício e paramos por hoje, pode ser? Cansei”.*

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos resultados apresentados, é possível concluir que, neste estudo de caso, a participante utilizou a monitoria como um espaço de autorregulação da sua aprendizagem, consciente de suas dúvidas, expectativas, estratégias e limitações. É preciso levar em consideração, também, os processos cognitivos, metacognitivos e motivacionais da participante apresentados, a partir dos quais atua de forma autônoma e responsável pela sua aprendizagem.

Também, pode-se afirmar a importância do professor incentivar e estimular em seus alunos a autorregulação de seus processos de aprendizagem. Conforme Lopes da Silva et al. (2004), também é papel do professor orientar os alunos na promoção da aprendizagem de estratégias de aprendizagem, o que supõe ajudá-los a entender a aprendizagem como um processo de autorregulação no qual se passa, gradualmente, o controle do professor para o aluno. Portanto, pode-se esperar que, a partir do presente estudo, se possa repensar práticas e estratégias que incentivem os alunos a autorregular seus processos de aprendizagem, pensando que, ainda segundo Lopes da Silva et al. (2004, p. 70), “um estudante que desenvolve estratégias está em todo momento consciente de seus propósitos”, o que o torna mais responsável e autônomo de sua própria aprendizagem, tornando esta, talvez, mais significativa para o aluno.

#### **5. REFERÊNCIAS**

CARVALHO, A.P.V., et al. Monitoria como agente motivador do processo ensinoaprendizagem. Revista Científica de Faminas, Muriaé/MG, v. 5, n. 3, p.127-139,7 set./dez. 2010.

FRISON, L. M. B., MORAES. M. A. C. As Práticas de Monitoria como Possibilitadoras dos Processos de Autorregulação das Aprendizagens Discentes. Poíesis Pedagógica - V.8, N.2 ago/dez.2010; pp.144-158.

LOPES DA SILVA, A., VEIGA SIMÃO, A. M., & SÁ, I. Autorregulação da aprendizagem: Estudos Teóricos e Empíricos. Intermeio: Revista do Mestrado em Educação da Universidade de Mato Grosso, 10 (19), 2004, p. 59-74.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA. Edital nº 375/2016 – Programa de Desenvolvimento Acadêmico 2017. Bagé, 08 dez. 2016. Disponível em: <http://novoportal.unipampa.edu.br/novoportal/edital-3752016-programa-de-desenvolvimento-academico-2017-selecao-de-propostas>.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.